



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

José Saramago (1922-2010) : singular iconoclastia

Eduardo Lourenço

Para citar este documento / To cite this document:

Eduardo Lourenço, "José Saramago (1922-2010) : singular iconoclastia", *Colóquio/Letras*, n.º 175, Set. 2010, p. 3-4.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

JOSÉ SARAMAGO (1922-2010)

SINGULAR ICONOCLASTIA

Ninguém esperaria que alguns anos após o 25 de Abril um escritor até então quase ignorado oferecesse ao seu país e mais além dele, sob o fundo de decepção revolucionária onde pusera toda a sua complacência, uma autêntica contra-mitologia, não apenas ideológica, mas cultural, do nosso passado nacional, ibérico, europeu e até mundial.

Numa primeira fase da sua improvável aventura literária, aquela que o revelou tão tardiamente ao público, o seu propósito parecia apenas o de revisitar um momento da nossa História como paradigma inexcedível do catolicismo contra-reformista que em três séculos fizera de Portugal uma espécie de convento, sumptuoso no seu género, à margem da Europa além-Pirenéus, regido por um rei sacerdotal e libertino, amante do fausto e de festas com o pano de fundo da fogueira inquisitorial.

Chamou com pertinência à construção retórica decalcada da construção pós-barroca de Mafra o *Memorial do Convento*. Era uma original versão do nosso século de ouro, sem Luzes, tal como Oliveira Martins o evocara na sua *História de Portugal*, comparando-nos com uma sociedade tibetana. E simultaneamente reescrevia, por sobre-impressão futurante, o momento silencioso neoclerical de que o Estado Novo fora a última encarnação.

Lido com atenção, o *Memorial* contém, já em germe e até literalmente, toda a inversão simbólica a que José Saramago vai submeter oito séculos da mitologia de um país de cultura católica na ordem religiosa e profana. Tal fora com efeito o seu destino de pequeno país do Ocidente de vocação, se não de missão, cruzadística, aquele que Vieira consagrará no nosso sonho do Quinto Império. De Cristo, naturalmente.

Este propósito romanescos poderia ter sido, em tardia versão nacional, o eco da desconstrução simbólica a que desde a Reforma

a Europa pré-Luzes, a das Luzes e, já com plena consciência da sua iconoclastia, a pátria de Michelet e de Victor Hugo tinham procedido. Curiosamente fascinados ambos pela Idade Média, promovida menos a Idade do Ouro da Cristandade do que a sonho e perspectiva futurante de um mundo ainda impensável.

Por sua conta — e foi este o «chão» de onde se levantou a sua aparentemente arcaica fantasmagoria ficcional, ao mesmo tempo ideológica e paradoxalmente «religiosa» — José Saramago irá visitar e reescrever a mitologia inteira onde o Ocidente na sua face religiosa está inscrito. Refiro-me naturalmente à Bíblia, o livro dos livros, que para ele foi, desde o momento-*Memorial* até *Caim* — *western* ateu assumido, de tonalidade desesperada —, não o texto nem a voz de um Deus criador do mundo e responsável pela sua harmonia, mas de um Deus responsável pela nossa História como a História mesma do Mal.

Entre estes dois pólos, José Saramago ergueu a sua contra-Catedral romanesca, reescrevendo a história bíblica ou transfigurando-a em mera e salvífica História humana. A nossa História como história do «sonho de Deus», ilusão suma ou natural metamorfose da única substância concreta da História, a nossa, de simples homens. Sempre sob este pano de fundo — já mais que enunciado no *Memorial* —, José Saramago subverteu, à sua maneira ao mesmo tempo rebuscada e falsamente ingénua, os plurais destinos «épicos», em diversas ordens, de que a ficção se serviu para que nos convencêssemos que éramos, bíblicamente, como *deuses*. Incluindo o da Ficção mesma, lugar dessa idolatria e lugar do seu desengano. Ao nosso mito moderno nessa ordem, Pessoa, consagrou, sob a máscara sem máscara de Reis, um dos seus mais belos livros. Como à Península perdida (segundo ele) no sonho europeu, outro, mais didático e menos convincente. E ao nosso «anonimato» ontológico de supostos deuses, o mais original e para mim sublime dos seus livros, *Todos os Nomes*, onde a iconoclastia do autor faz o processo de toda a iconoclastia. Inclusive da sua, memorável, aquela que lhe deu e dará, enquanto a língua portuguesa existir, um lugar no seu quadro sempre fictício, no sentido de Pessoa, do nosso destino, ficção de todas as ficções.

Lisboa, 28 de Julho de 2010

Eduardo Lourenço